

PROCESSO INICIAL DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA - DIÁLOGOS COM BAKHTIN

Rosana Becker Quirino *

RESUMO: Os estudos psicolinguísticos fundamentados na concepção de linguagem como interação consideram de forma teoricamente significativa o papel do contexto e do outro como elementos constitutivos do processo de aquisição a ser analisado. Este artigo objetiva analisar dois eventos do processo de aquisição inicial da escrita de uma criança a partir da perspectiva bakhtiniana de compreensão da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição de escrita; interação; dialogismo

ABSTRACT: The psycholinguistic studies based on the conception of language as interaction consider in a theoretically significant way the role of the context and the other as constitutive elements in the acquisition process to be analyzed. This article aims to analyze two events of initial writing acquisition process of a child from the bakhtinian perspective of language comprehension.

KEYWORDS: Writing acquisition; interaction; dialogism.

INTRODUÇÃO

No campo de estudos de aquisição, é comum os trabalhos adotarem uma abordagem essencialmente cognitivista para a análise da relação da criança com a linguagem. Já para os trabalhos de pesquisa em aquisição, fundamentados na perspectiva bakhtiniana de linguagem, a escrita não é um fenômeno que pode ser compreendido e analisado à parte da interação verbal e social dos interlocutores. Por isso, os estudos psicolinguísticos fundamentados na concepção de linguagem como interação consideram de forma teoricamente significativa o papel do contexto e do outro como elementos constitutivos do processo de aquisição a ser analisado. Nesses trabalhos, compreende-se que o processo de interação sujeito-linguagem não é apenas cognitivo, mas, sobretudo, discursivo. O que os trabalhos de investigação que se inscrevem nessa linha teórica têm demonstrado, inclusive, é a anterioridade do discursivo sobre o cognitivo.

*Doutoranda em Letras e Linguística do Projeto de Doutorado Interinstitucional Dinter/ UFBA/ Unioeste, Fundação Araucária, da UFBA, Professora Assistente da Unioeste.

Este artigo objetiva analisar dois eventos do processo de aquisição inicial da escrita de uma criança a partir da perspectiva bakhtiniana de compreensão da natureza ideológica, interativa e dialógica da linguagem.

REFLEXÕES BAKHTINIANAS

Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, apresenta uma crítica veemente a correntes de pensamento que empreendem análises parciais sobre a linguagem e desconsideram a língua como fenômeno social. Uma das premissas fundamentais de sua crítica é a reflexão a respeito da linguagem pertencer à realidade imaterial da existência e, devido a isso, sua natureza ser constitutivamente simbólica/sígnica. Por sua natureza simbólica, a linguagem está relacionada ao universo das crenças, concepções e significados construídos historicamente e socialmente. Em outras palavras, a existência do signo está sujeita a critérios de valoração social. Assim, signo/palavra/linguagem, por pertencerem à realidade simbólica, são de *natureza ideológica*.

Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. (...) Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico (BAKHTIN, 1999, p.31-32).

Todo signo, por resultar de um consenso entre indivíduos socialmente organizados, é produto das interações sociais. Assim a natureza do signo, antes de ser fruto de uma consciência/cognição individual, é, fundamentalmente, social.

Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra (...) e só podem aparecer em um terreno interindividual. (...) ele [o signo/o ideológico] se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação (BAKHTIN, 1999, p. 34-35).

Bakhtin compreende também que a consciência está impregnada de signos e de conteúdo semiótico/ideológico, constituindo os signos o único abrigo da consciência. Sem “a imagem, a palavra, o gesto significante, há apenas o simples ato fisiológico” (BAKHTIN, 1999, p.35-36). No pensamento bakhtiniano, a consciência não deriva diretamente da natureza

biológica, e a única definição objetiva possível de consciência é de ordem sociológica.

Por esquecerem-se da relação constitutiva entre consciência, signo, ideologia, linguagem e interação social, as teses da filosofia idealista e da visão do psiquismo individual, às quais Bakhtin se refere como subjetivismo idealista, vão dele receber duras críticas. Para essa corrente de pensamento, todo fenômeno linguístico se reduz a um ato significativo de criação individual. Nessa perspectiva, cria-se individualmente linguagem e o ato de criação linguística é compreendido como similar à criação artística, sendo a língua, um processo criativo ininterrupto. Nessa concepção, emerge como termo-chave a palavra expressão. Ao se conceber a língua unicamente como expressão, nega-se a dimensão social e histórica da linguagem, focalizando-se apenas a atividade do sujeito com a linguagem. Nas pesquisas de vertente idealista,

a atenção está centrada sobre o sujeito a quem se atribui mesmo o papel de criador da realidade. Certamente, neste modelo, em contradição com a experiência sensível do homem, o objeto do conhecimento desaparece, mas o papel do sujeito ganha por isso mais importância (SCHAFF, 1986, p.74).

Assim concebido, o sujeito é “reconduzido à sua existência biológica, que determina de uma maneira natural os seus caracteres e as suas propriedades” (SCHAFF, 1986, p.78). A linguagem passa a ser encarada como capacidade inata do indivíduo, como dotação biológica da espécie humana.

Na perspectiva subjetivista-idealista, o sujeito é considerado de forma abstrata, isolado da sociedade e de seus condicionantes, é encarado como ser à parte do mundo, abstraído de sua cultura e do conjunto das relações sociais que o constituem. Já em Bakhtin, o *eu* “não é autônomo nem monádico, o *cogito* auto criador de Descartes; em vez disso existe somente em diálogo com outros eus. O eu necessita da colaboração de outros para poder definir-se e ser ‘autor’ de si mesmo” (STAM, 1992, p.17).

Vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir à palavras do outro (as reações podem variar infinitamente), a começar pela minha assimilação delas (durante o andamento do processo do domínio original da fala), para terminar pela assimilação das riquezas da cultura humana (verbal ou outra) (BAKHTIN, 1997b, p. 383).

Muitos estudos da área de aquisição de linguagem assentam-se em uma concepção de linguagem considerada “do ponto de vista do locutor como se ele estivesse *sozinho*, sem uma forçosa relação com os outros

parceiros da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997a, p. 289; grifo do autor). Nesses estudos, a enunciação passa a ser concebida como um ato monológico, individual, não afetado pelo outro (interlocutor físico ou representado) nem pelas circunstâncias que constituem tanto a situação imediata como a relação desta situação com o contexto social. Todo ato de fala e toda enunciação

não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. *A enunciação é de natureza social* (BAKHTIN, 1999, p. 109; grifos do autor).

Ao conceber o sujeito de forma apriorística, a perspectiva idealista esquece-se de que

as influências extratextuais têm uma importância especial nas primeiras fases da evolução do homem. Essas influências se envolvem na palavra (ou noutros signos), e tal palavra é a dos outros, e, acima de tudo, a da mãe. Depois disso, a “palavra” do outro” se transforma, dialogicamente, para tornar-se “palavra pessoal-alheia” com a ajuda de outras “palavras do outro”, e depois, palavra pessoal “com, poder-se-ia dizer, a perda das aspas” (BAKHTIN, 1997c, p. 405-406).

Em síntese, Bakhtin (1999) aponta que os trabalhos de cunho subjetivista desconsideram o fundamental para a compreensão do fenômeno linguístico: a interação verbal. Na perspectiva dialógica, a produção linguística é entendida como resultado, como ponte da interação verbal, uma vez que

toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte* (BAKHTIN, 1999, p.113; grifos do autor).

O QUE DADOS INICIAIS DE AQUISIÇÃO DE ESCRITA REVELAM

Estudos de base sócio-interacionista de aquisição têm apontado que o compromisso com a linguagem da criança

exige dos estudiosos da aquisição da linguagem que o assumem uma série reflexão sobre o custo teórico de excluir as questões textuais e discursivas de sua investigação sobre a língua. Maior é esse custo quando a essa exclusão se alia uma noção de desenvolvimento que coloca a criança como um sujeito diante da língua como objeto,

impedindo a apreensão do processo de aquisição de linguagem como um processo de subjetivação (LEMOS, 1995, p. 27).

Com o objetivo de analisar a importância da interação verbal, o papel do interlocutor adulto letrado e a natureza dialógica dos enunciados produzidos, serão descritos dois eventos de interação mãe-criança, em que a produção escrita infantil se constitui em foco da atenção de ambas.

Os eventos fazem parte de anotações mantidas pela mãe-pesquisadora das interações de J. com a escrita e com interlocutores (adultos e crianças) letrados, a partir, aproximadamente, de um ano de idade. O primeiro evento foi observado quando J. tinha um ano e dez meses. Mãe e criança estão desenhando juntos no chão da sala. Transcreve-se, a seguir, o diálogo que acompanhou a produção dessa atividade. Os turnos do adulto serão introduzidos por A; os da criança por J. As informações para contextualizar o modo como a interação transcorreu estão apresentadas entre parênteses.

A: O que você tá fazendo?

J: Aika

(Laika é o nome da cachorrinha da criança)

A: Vou escrever Laika.

(mãe começa a escrever acompanhada de uma fala que escande a duração das sílabas)

A: La:i:ka

(J. imita o gesto da mãe, produzindo um fluxo gráfico contínuo¹, não acompanhado de fala. Mãe continua a desenhar detalhes na casa e em torno dela. J. executa movimentos circulares com o giz de cera sobre o papel)

A : Quem está desenhando?

J: Uiana.

A : Olha só: JU:LI:A:NA

(a fala da mãe é acompanhada novamente do gesto de escrita sobre o papel. mãe em seguida relê o que escrevera, apontando as letras e escandindo novamente a duração das sílabas)

A : JU:LI:A:NA

(J. imita a ação da mãe, novamente produzindo um fluxo gráfico Contínuo², mas agora acompanhado de uma fala silabada)

J : JU-LI-A-NA

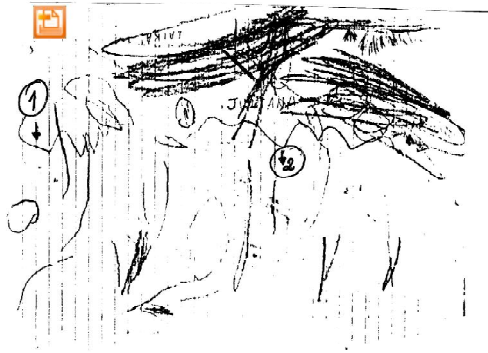
A : Muito bem!

(apontando para a grafia da criança, lê de forma silabada)

A: JU-LI-A-NA.

¹ Indicado como 1 na reprodução digitalizada .

² Indicado como 2 na reprodução digitalizada.



É visível depreender que este intercâmbio mãe-criança assume uma aparência dialógica, pelo fato de ser um processo recíproco, isto é, se dar tanto do adulto para a criança, quanto da criança para o adulto, revelando-se como uma atividade conjunta. Também é possível perceber que as perguntas da mãe são formuladas em função de seu interlocutor ser uma criança. Tais perguntas são provavelmente acompanhadas por contornos entonacionais e expressivos muito diferentes ao que produz quando se dirige a outros interlocutores. Entre a pergunta produzida e a resposta recebida, há provavelmente pausas, silêncios que não são destituídos de sentidos, uma vez que a interação prossegue também pelo desenvolvimento de atitudes e gestos novos. Bakhtin adverte que, concomitantes ao verbal, os silêncios também são importantes no processo interativo, carregam sentidos, acarretam concordância implícita, implicam conhecimentos e sentidos compartilhados, não necessários de serem ditos e verbalizados. Além disso, toda enunciação é marcada por um *tom* que serve “de contexto emocional dos valores para o ato de compreensão” (BAKHTIN, 1997c, p.407).

Em linhas gerais, as características enunciativas anteriormente descritas, guardam estreita relação (dialogam) com as condições reais da situação imediata: um locutor-mãe que dirige a palavra à interlocutora-criança no espaço doméstico. Mas no pensamento bakhtiniano, é preciso supor, além do contexto enunciativo mais imediato, “um certo *horizonte social* definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos”. Seria possível perceber nessa interação ocorrida num universo tão cotidiano e íntimo como o familiar, a relação com o grande *auditório social* “que determina completamente, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação?” Onde estariam as “pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor?” Seria esse simples diálogo mãe-criança parte integrante de um

diálogo ideológico em grande escala? (BAKHTIN, 1999, p. 112-114). De que modo cada enunciado dessa interação particular torna-se um elo na cadeia da comunicação humana? O processo verbal sob análise refletiria “enunciados dos outros e, sobretudo, os elos anteriores (às vezes os próximos, mas também os distantes, nas áreas da comunicação cultural)”? (BAKHTIN, 1997a, p.319).

As características da interação verbal mãe-criança descrita remetem e assumem características específicas ao horizonte cultural e familiar de nossa época. Nem sempre a criança recebeu a atenção que a ela os familiares e a sociedade contemporânea atualmente destinam. Philippe Ariès, em seus trabalhos sobre a *História social da criança e da família*, aponta que, até o fim do século XVII, a criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato. A morte precoce de muitas crianças, a alta taxa de natalidade, as condições extremas de luta pela sobrevivência dos adultos, constituíam a realidade concreta da existência humana antes da revolução industrial. Com isso, “a passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade dos adultos” (ARIÈS, 1981, p. 10).

A família antiga tinha por missão a conservação dos bens, a prática de um ofício, a ajuda mútua na comunidade/grupo, uma vez que homem e mulher isolados não podiam sobreviver. O que chamaríamos hoje de núcleo familiar mal se distinguia dentro de um espaço social mais denso, composto de vizinhos, amigos, amos e criados, crianças e velhos. Era “fora da família”, no espaço público em que ocorria a maior parte das trocas afetivas e das comunicações cotidianas e sociais. A família não tinha uma função afetiva e o sentimento entre pais e filhos não era necessário à existência nem ao equilíbrio familiar.

A interação mãe-criança anteriormente descrita é recebida por nós, seus contemporâneos no tempo e no espaço, em sua normalidade e aparente naturalidade. O que vemos (ou deixamos de ver) revela como a recepção/compreensão responsiva ativa dessa interação é determinada pelo lugar temporal e social de onde vemos.

De fato, as principais avaliações sociais, que se enraízam imediatamente nas particularidades da vida econômica de certo grupo social, não são, na maioria das vezes, enunciadas: elas entram no cerne e no sangue de todos os representantes desse grupo; elas organizam as ações e a conduta das pessoas; elas são de qualquer modo coladas às coisas e aos fenômenos correspondentes (...) Se a avaliação é efetivamente condicionada pela vida mesma de certa coletividade, ela é admitida à maneira de um dogma, como algo que vai de si e não se presta à discussão (BAKHTIN/VOLOSHINOV, [1926/1976], p.7).

Há uma avaliação e um contexto enunciativo mais amplo e subentendido: de que é assim que uma mãe/adulto deva se comportar

com uma criança, de forma zelosa e atenciosa. Pais na sociedade ocidental contemporânea, além de prover necessidades imediatas de sobrevivência, são tidos como os responsáveis primeiros pela educação e desenvolvimento afetivo das crianças.

O próprio ato de tomar a criança como participante ativo de um diálogo, a ela dirigir perguntas e manifestar interesse pela ação que realiza, a disponibilidade de tempo e atenção a ela dedicados são decorrentes de sentidos tacitamente aceitos/internalizados pela mãe no momento que interage com a criança. Essa interação verbal está constitutivamente marcada pelas representações culturais do horizonte social de nossa época, como também dialoga com o longo percurso histórico-social de manutenção/transformação de mentalidades e de mudanças ocorridas a partir da revolução industrial nas condições de produção da vida.

No diálogo mãe-criança analisado, é possível também perceber o processo de inserção da criança no universo dos bens da cultura letrada. É o adulto, enquanto portador e representante da ordem simbólica da linguagem escrita que enreda, incita e inicia a criança no processo interativo com a linguagem escrita. É o seu gesto, a sua ação com o lápis sobre o papel que a criança tenta reproduzir. Num processo de especularidade, a criança recoloca atos, gestos de escrita anteriormente realizados pelo adulto. O adulto age “como se” a criança estivesse de fato escrevendo, instaurando na criança uma capacidade/competência de escrita. Essa atividade interpretativa do adulto em apontar para o grafismo primitivo e aceitá-lo como algo que pode ser lido e compreendido, atribuindo-lhe forma, significado e intenção, instaura a criança como interlocutora, como produtora de escrita, atribuindo-lhe a voz da *autoria*³.

É por meio de práticas discursivas orais como essa que a linguagem escrita é significada e deixa seu estado de “coisa”, de *signal*, passando gradativamente a fazer sentido como *objeto signico* para a criança. A linguagem escrita, assim, não teria em si mesma, “propriedades perceptuais positivas” (LEMOS, 1998, p.19) que possibilitariam um acesso e monitoramento direto por parte da criança. A relação da criança com a escrita não é direta, mas mediada pelo outro, uma vez os processos de apropriação/aquisição dos objetos simbólico-culturais, como aponta Vygotsky, primeiro se configuram como processos intersubjetivos para depois se tornarem intrassubjetivos⁴

Para Vygotsky (1988), os objetos do mundo físico e as próprias categorias linguísticas não existem a priori, mas se instauram por meio da

³ Para a compreensão da importância do outro na constituição da escrita como objeto de conhecimento pela criança, são fundamentais as pesquisas desenvolvidas por Mayrink-Sabinson (1991; 1997).

⁴ Para a relação entre os pressupostos teóricos que ancoram os trabalhos de Cláudia Lemos aos de Bakhtin e Vygotsky, buscar Rojo (2010).

interação entre a criança e o seu interlocutor básico, mediada pelo contexto histórico-social mais amplo. Para o autor,

desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. *O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa.* Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (VYGOTSKY, 1988, p.33; grifos meus).

No evento descrito, é o adulto quem aponta para a criança a distinção entre desenho e escrita, por meio das falas: “Vou escrever”, “Quem está desenhando?”. É ele que institui a função de um leitor que revisa sua própria produção, ao reler apontando para o anteriormente grafado. É ele quem escreve acompanhado de uma fala marcadamente silabada, como a dar pistas para a criança da relação oralidade x escrita. É um adulto configurando-se não apenas como um facilitador do processo de aquisição da linguagem escrita; ele não é um simples informante ou um participante dos atos de escrita da criança. É a sua condução, suas intervenções, sua avaliação presumida em relação à escrita, seus gestos e seu trabalho discursivo que instauram a criança enquanto sujeito produtor e a escrita como objeto.

O seu papel seria, como na aquisição da linguagem oral, semelhante a de um intérprete. Lendo para a criança, aceitando o grafismo primitivo por ela produzido como escrita, atribuindo significado aos gestos de escrita que faz, escrevendo para a criança ler, o adulto alfabetizado, “como outro que se oferece ao mesmo tempo como semelhante e como diferente, insere-a [a criança] no movimento linguístico-discursivo da escrita” (LEMOS, 1998, p.29). Para a autora, o adulto é o responsável pela inserção da criança no mundo e na relação da criança com a escrita. Nessa perspectiva, a relação adulto-criança-escrita é uma relação de constitutividade.

Em outra produção escrita de J., aos dois anos e dois meses, já se percebe o início de uma distinção entre desenho e escrita e esta acompanhada de uma fala silabada por parte da criança, o que se configura em indício de um processo de compreensão da relação oralidade-escrita.

(J. sozinha, em atividade com lápis e papel, produz vários contornos circulares observada pela mãe. Em seguida, J. produz um fluxo gráfico contínuo⁵ acompanhado de fala)

J: CHU:VA

⁵ Indicado como 1 na reprodução.

(mãe aponta para a linha contínua e pergunta)

A: O que você escreveu aqui?

(J. fala acompanhando com a ponta do dedo indicador a linha contínua)

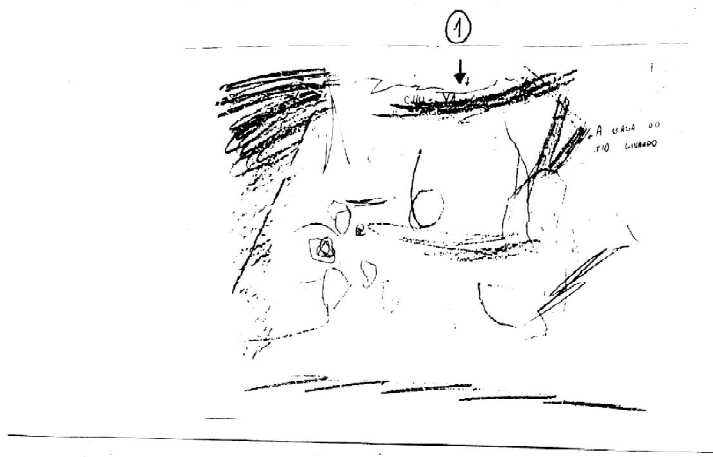
J: CHU:VA

(mãe apontando para os contornos circulares)

A: O que você fez aqui?

(J. responde naturalmente, sem apontar o papel)

J: A casa do tio Givaldo.



Empiricamente, se analisarmos apenas a situação imediata de produção, o que se observa é a atividade isolada, individual de uma criança que se relaciona com a escrita. Mas, se analisarmos numa outra perspectiva, é possível perceber que a criança recoloca, no momento presente, gestos de escrita oriundos e tornados significantes para ela através de práticas discursivas anteriores partilhadas com a mãe. Assim, é possível perceber que os gestos, as intenções, as atitudes da criança são gestos, atitudes e intenções outrora alheios e, agora tornados próprios, gestos do outro ocultos ou semi-ocultos na situação presente de escrita.

É o que o dialogismo bakhtiniano considerou como a relação do sujeito com o outro enquanto discurso. A respeito dessa relação sujeito-linguagem, Bakhtin afirma que se examinarmos apuradamente todo e qualquer enunciado, levando em conta as condições concretas da interação verbal, poderemos perceber no enunciado daquele que fala ou escreve “as palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, e com graus diferentes de alteridade” (BAKHTIN, 1997a, p. 318).

Ao repor fragmentos, gestos, enunciados de práticas discursivas anteriores, a criança reproduz como um espelho a produção do adulto. Muitos trabalhos sobre aquisição da linguagem escrita não observaram

esse processo de espelhamento, por desconsiderarem que muitos dados de escrita coletados são apenas uma espécie de “flash” ou “fotografia” ou “ponta de um iceberg” que precisam ser interpretados em sua relação com outras situações de escrita vivenciadas pela criança mediadas por um outro (adulto ou criança mais experiente). Muitos trabalhos detêm-se apenas na situação imediata, na atuação empírica e visível da criança. Além disso, em muitas pesquisas, os dados são obtidos pelo emprego do método clínico, trabalhando-se a partir do pressuposto de que apenas em situações experimentais, rigorosamente controladas, se é possível obter dados confiáveis para a investigação⁶. Decorrente dessa abordagem de pesquisa, chega-se à conclusão de que a escrita/dado obtido partiu da criança e de que é a criança/sujeito que constroi sua relação com a escrita. Não se percebe que é a própria metodologia de pesquisa que cria a ilusão de um sujeito cognitivamente já constituído operando *a priori* sobre a linguagem.

Muitas pesquisas em aquisição captam apenas momentos e situações em que a palavra alheia já perdeu suas aspas e tornou-se própria. Com isso “esquece-se completamente a relação dialógica original com a palavra do outro” (BAKHTIN, 1997a, p. 406).

CONCLUSÃO

Tendo como pressuposto norteador a concepção de linguagem como interação, tal como defendida por Mikail Bakhtin, este trabalho assumiu que a linguagem escrita só se instaura enquanto objeto de conhecimento por meio da interação entre a criança e o seu interlocutor, mediada pelo contexto histórico-social mais amplo. A partir da análise de dois eventos de aquisição de escrita inicial, buscou-se analisar diferentes relações dialógicas presentes na interação mãe-criança que permitiram flagrar indícios tanto do processo de subjetivação como do processo de tomar a escrita como objeto cultural e de conhecimento por parte da criança.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete. Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, Maria Fausta Pereira. (Org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1981.

⁶ Maria Bernadete Abaurre (1996) apresenta um panorama extremamente elucidativo sobre diferentes abordagens de pesquisa em aquisição de escrita e as bases epistemológicas em que se fundamentam.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9a. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.

--- _____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução [feita a partir do francês] Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997a. p.277-326.

_____. Apontamentos 1970-1971. In: *Estética da criação verbal*. Tradução [feita a partir do francês] Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997b. p.369-397.

_____. Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. Tradução [feita a partir do francês] Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997c. p.399-414.

BAKHTIN, Mikail; VOLOSHINOV, V.N. *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre poética sociológica). Tradução [feita do inglês] por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza para uso didático. Curitiba, UFPR, s/d. Título inglês: Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics, publicada em V. N. Voloshinov, Freudism. NewYork. Academic Press, 1976.

LE MOS, Cláudia T. Guimarães. Sobre aquisição da escrita: algumas questões. In: ROJO, Roxane. *Alfabetização e letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

_____. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. *Letras de Hoje*, 102, Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995, p.9-28.

MAYRINK-SABINSON, Maria Laura Trindade. Um evento singular. In ABAURRE, Maria.B.; FIAD, Raquel Salek; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura. *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas: Mercado de Letras, 1997, p. 37-49.

_____. A respeito do reconhecimento de letras ou de como uma criança pequena pode pensar que a letra tem um proprietário. In: *Estudos lingüísticos*, Anais do XXXIX Seminário do GEL. Franca: 1991.

ROJO, Roxane. A consciência, essa replicante. In: *Falando ao pé da letra: a constituição da narrativa e do letramento*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 17-31.

STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. Tradução Heloísa Jahn. São Paulo: Ática, 1992.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira M. Barreto, Solange Castro Afeche. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.